

NAS ASAS DO AMOR

Profa. Dra. Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO: A elegia é considerada, em Roma, como uma poesia cuja principal faceta é a amorosa. Os poetas cantam seus infortúnios no amor e enaltecem a beleza da amada, a sua *puella*. Catulo introduz, na poesia latina, esta temática tão cara aos chamados poetas elegíacos do período augustano, que compõem livros inteiros dedicados a uma amada. Com isso, a elegia ganha uma unidade temática e transforma-se em um gênero literário autônomo e com características próprias. Um dos destacados poetas do período é Propércio. Analisaremos e metrificaremos o poema 12 do segundo livro, no qual o elegíaco nos traz, em uma gradação do concreto ao abstrato, sua visão sobre o Amor.

PALAVRAS-CHAVE: elegia; Propércio; amor; metrificação

ON THE WINGS OF LOVE

ABSTRACT: Elegy is considered, in Rome, as poetry whose main facet is the loving. Poets sing their misfortunes in love and praise the beauty of the beloved, her *puella*. Catulo introduces, in Latin poetry, this theme so dear to the so-called elegiac poets of the Augustinian period, who compose entire books dedicated to a loved one. With this, the elegy gains a thematic unit and becomes an autonomous literary genre with its own characteristics. One of the outstanding poets of the period is Propertius. We will analyze and metrify poem 12 from the second book, in which the elegiac brings us in a gradation from the concrete to the abstract of his vision of Love.

KEYWORDS: elegy; Propertius; love; metrify

Propércio é um dos autores latinos do século I a.C. que compõe poemas nos chamados dísticos elegíacos. Juntamente com Tibulo e Ovídio, o poeta encerra a tríade que determina as características da chamada elegia erótica romana. Se, na Grécia, a elegia não possuía, nem no período arcaico, nem no alexandrino, uma unidade temática, na Roma da época do Principado de Augusto, a temática amorosa é base da elegia.

Catulo bebe das fontes gregas e torna-se o precursor dos elegíacos posteriores. É bem verdade que o poeta, integrante mais famoso do círculo dos *poetae noui*, não se limita a uma produção apenas de versos elegíacos. Ele compõe uma ampla gama de *carmina* em

outras formas de composição como a ode e o epitalâmio, trazendo toda uma tradição poética grega, com influência tanto da lírica arcaica quanto da alexandrina. Seus 116 poemas apresentam, contudo, uma predominância das composições em dísticos elegíacos. Também a temática catuliana nesse tipo de verso é variada. Ele utiliza cenas do cotidiano, faz elogios a amigos, vitupera inimigos, mas seguramente traz as bases para a elegia posterior. Ele, principalmente, canta sua amada sob o pseudônimo de Lésbia e compõe sobre suas aventuras e desventuras amorosas e, por isso, é considerado o poeta de amor latino. Também Propércio cantarà sua Cíntia, Tibulo sua Nêmesis ou sua Délia e Ovídio sua Corina. Quer seja uma amada real para o poeta ou uma personagem criada poeticamente para a composição dos *toipoi* dos versos elegíacos, o fato é que vemos uma temática unificada em livros inteiros dedicados a uma amada.

A lírica alexandrina trouxe aos autores romanos, através de Catulo, também a preocupação com a forma, a busca de metros perfeitos na composição, além da ênfase na erudição quer mitológica, linguística, histórica ou geográfica. É fato que o legado catuliano estará presente na tradição elegíaca posterior.

Nos círculos poéticos do início do Principado de Augusto, a partir de 27 a.C., encontramos os mais importantes poetas latinos. Mecenas incentiva Virgílio e Horácio a comporem obras que representem a nova política que exalta os trabalhos campestres, os deuses itálicos, as tradições dos antepassados, o *mos maiorum*. Este período de paz, após quase um século de guerras civis ou intestinas, como chamavam os romanos, é também propício para cantar o amor e, assim, Propércio se inclui no círculo de Mecenas, enquanto os outros dois elegíacos, Tibulo e Ovídio, fazem parte de um outro círculo da época, o de Messala.

A maior parte dos poetas desta época não são provenientes de famílias abastadas. Embora tivessem tido acesso à considerada boa instrução do período e apresentassem notório conhecimento, fora às custas do sacrifício da família que conseguiram o aprendizado necessário para compor suas obras. Horácio afirma que “a pobreza extrema o impeliu a escrever versos”. Virgílio e Propércio viram as pequenas propriedades rurais de seus pais serem confiscadas e dadas a um soldado romano que voltava da guerra de Filipos. Assim, vemos a importância dos círculos literários que fomentavam não só a criatividade, mas também financiavam a publicação das obras.

Não sabemos muito sobre a biografia de Propércio. Sabe-se que nasceu na Úmbria, provavelmente em Assis, possivelmente em 47 a.C., e viveu até 15 ou 14 a.C..

Ainda muito jovem, o poeta passou por um período difícil. Além da morte do pai e da expropriação de suas terras, a guerra de Perúsia, que destruiu sua terra natal, deixou profundas marcas em seus poemas.

Após todas as perdas, Propércio foi para Roma e passou a se dedicar à composição poética. Depois da publicação de seu primeiro livro, ao qual deu o nome de *Monobiblos*, foi acolhido no Círculo de Mecenas, e passou, assim, a contar com a proteção de Augusto.

A temática central de seus poemas é o amor por Cíntia. Pseudônimo que, conforme se acredita, esteja relacionado a uma cortesã chamada Hóstia, conhecedora de poesia, música e dança. Segundo Ettore Paratore:

O amor por Cíntia enche verdadeiramente todo o livro, com exceção das duas elegias finais em que canta livremente o outro sentimento que domina o seu espírito, a dor pela pátria e pela família destruídas. Mesmo quando censura o amigo Pôntico por escrever carmes épicos, mesmo quando se entretém com o amigo Galo, que é céptico em questões de amor, o pensamento dominante é o de Cíntia: ele constitui o metro para qualquer outro juízo. (PARATORE: 1983, 489-490).

Propércio compôs quatro livros em dísticos elegíacos. A quase totalidade dos poemas dos dois primeiros livros é dedicada a Cíntia. No terceiro livro a amada ocupa metade dos 25 poemas. As outras composições do livro III têm como temática sua arte ou a homenagem a Augusto e Mecenas, seus patronos. O poeta faz, assim, alguma concessão às sugestões de Mecenas para cantar a política augustana, através do louvor à pátria e o retorno aos costumes. Embora afirmasse a Mecenas que nascera para cantar o amor, após a desilusão amorosa e o rompimento, ele envereda por temas com um viés mais político.

O quarto livro possui apenas onze elegias. Vemos também poemas dedicados à temática augustana, celebrando antigas lendas romanas como Tarpéia, no poema 4, ou deuses caros a Augusto, como Júpiter Ferétrio, na elegia 10. Contudo, a morte da mulher que havia ganhado do poeta o pseudônimo de Cíntia, traz de volta o tema amoroso, mas marcado pelo luto e pela recordação dos amores passados, como na elegia VII em que a *umbra* da amada aparece ao poeta. No poema que termina o quarto livro, contudo, Propércio consegue unir as temáticas do amor e da pátria ao cantar a alma de Córnelia que exalta ao marido e conhecida figura pública romana, Lúcio Emílio Prado, a prática dos principais valores romanos.

Como dissemos, a temática amorosa é a base das elegias propercianas. Ele canta tanto o amor pessoal quanto o amor no mito. Embora as fábulas mitológicas de conteúdo amoroso sejam comuns entre os poetas alexandrinos, o poeta utiliza delas para mostrar que seu amor por Cíntia é tão grande quanto o dos deuses ou dos heróis. Ele considera o amor como algo transcendental que serve para revalorizar outros valores como a nobreza, o poder, a riqueza. Por isso a marca de sua obra é o amor e a fidelidade por Cíntia e, por isso também, não nos surpreende, embora nos entristeça, a morte o poeta logo após o falecimento de sua amada.

Observemos uma amostra da forma como Propércio canta o amor através da leitura do poema 12 do segundo livro:

Quicumque ille fuit, puerum qui pinxit Amorem,
 nonne putas miras hunc habuisse manus?
Is primum uidit sine sensu uiuere amantis
 et leuibus curis magna perire bona.
Idem non frustra uentosas addidit alas
 fecit et humano corde uolare deum,
scilicet alterna quoniam iactamur in unda
 nostraque non ullis permanet aura locis.
Et merito hamatis manus est armata sagittis
 et pharetra ex umero Gnosia utroque iacet:
ante ferit quoniam tuti quam cernimus hostem
 nec quisquam ex illo uulnere sanus abit.
In me tela manent, manet et puerilis imago;
 sed certe pennas perdidit ille suas,
euolat ei nostro quoniam de pectore nusquam
 assidusque meo sanguine bella gerit.
Quid tibi iucundum est siccis habitare medullis?
 si puer est, animo traice puella tuo!
Intactos isto satius temptare ueneno:
 non eto, sed tenuis uapulat umbra mea.
Quam si perdidideris, quis erit qui talia cantet,
 (haec mea Musa laus gloria magna tua est),
qui caput et digitos et lumina nigra puella

et canat ut soleant molliter ire pedes? (PROPERTIVS, II,12)

Vamos traduzi-lo:

Quem quer que foi aquele, que pintou o Amor menino, porventura não julgas que este tivesse tido mãos admiráveis? Este viu primeiramente que os amantes vivem sem a razão e que os grandes bens perdem-se em cuidados levianos. Ele mesmo não aumentou em vão as asas ligeiras e fez um deus voar no coração humano, porque evidentemente somos lançados em onda sucessiva e a nossa alma não permanece em lugar algum. E com razão a mão está armada com setas curvas e a aljava de Creta está pendente de um e outro ombro: visto que fere antes que, seguros, distingamos o inimigo. Ninguém sadio afasta-se daquela flecha. As flechas permanecem em mim e, também, a imagem pueril; mas certamente ele perdeu suas asas, visto que não voa, ai de mim, do nosso coração para parte alguma e persistente trava batalhas com meu sangue. Por que é agradável a ti morar em secos ossos? Se é um menino, transporta, ó amada, ao teu espírito! É preferível procurar seduzir os puros com este veneno: não eu, mas a minha sombra frugal é atingida. Se a tiveres perdido, quem haverá que cante tais coisas, (esta minha estima pela Musa é tua grande glória), quem canta a cabeça e os dedos e os olhos negros da amada e como os pés costumam caminhar suavemente?

Já mencionamos que a elegia é composta pelos dísticos elegíacos, ou seja, o poema se constitui da sucessão de dois versos que se alternam. O primeiro é um hexâmetro datílico. São seis pés que têm como base o dátilo, pé composto por uma vogal longa e duas vogais breves. O segundo verso de cada dístico é um pentâmetro também datílico, dividido em hemistíquios de dois pés e meio. Como sabemos, o hexâmetro datílico é o metro da epopeia, do verso heroico. A elegia, portanto, se constitui na quebra do ritmo uniforme da epopeia, mas não apresenta a variedade dos metros líricos. Sua temática subjetiva, contudo, especialmente, em Roma, faz com que se inclua no gênero lírico.

Antes de tecermos comentários a respeito do poema de Propércio que acabamos de traduzir, vamos vislumbrar como se apresentam os versos em sua metrficação:

Quīcūm/que īllē fū/īt, pŭĕ/rŭm quī/ pīnxīt Ā/mōrēm,
nōnnē pŭ/tās mī/rās/ hūnc hābŭ/īssē mǎ/nūs?
Īs prī/mŭm uī/dīt sīnē/ sēnsū/ uīuēre ā/māntīs

ēt lēuī/būs cū/rīs/ māgnā pē/rīrē bō/nā.
 Īdēm/ nōn frūs/trā uēn/tōsās/ āddīdīt/ ālās
 fēcīt ēt/ hūmā/nō/ cōrdē uō/lārē dē/ūm,
 scīlīcēt/ āltēr/nā quōnī/ām iāc/tāmūr ĩn/ ūndā
 nōstrāquē/ nōn ūl/līs/ pērmānē/t aurā lō/cīs.
 Ēt mērī/to hāmā/tīs mǎnūs/ ēst ār/mātā sǎ/gītīs
 ēt phārē/tra ēx ūmē/rō/ Gnōsīa ū/trōquē iǎ/cēt:
 āntē fē/rīt quānī/ām tū/tī quām/ cērnīmūs/ hōstēm
 nēc quīs/quam ēx ĩl/lō/ uūlnērē/ sānūs ā/bīt.
 Īn mē/ tēlā mǎ/nēnt, mǎnēt/ ēt pūē/rīlīs ĩ/māgō;
 sēd cēr/tē pēn/nās/ pērdīdīt/ ĩllē sū/ās,
 ēuōlāt/ eī nōs/trō quōnī/ām dē/ pēctōrē/ nūsquām
 āssī/dūsquē mē/ō/ sānguīnē/ bellā gē/rīt.
 Quīd tībī/ iūcūn/dum ēst sīc/cīs hābī/tārē mē/dūllīs?
 sī pūēr/ ēst, ānī/mō/ traicē pū/ēllā tū/ō!
 Īntāc/tōs ĩs/tō sātī/ūs tēmp/tārē uē/nēnō:
 nōn ēgō,/ sēd tēnū/īs/ uāpūlāt/ ūmbrā mē/ā.
 Quām sī/ pērdīdē/rīs, quīs ē/rīt quī/ tālīā/ cāntēt,
 (hāec mēā/ Mūsā /lāūs/ glōrīā/ māgnā tū/a ēst),
 quī cāpūt/ ēt dīgī/tōs ēt/ lūmīnā/ nīgrā pū/ēllāe
 ēt cānāt/ ūt sōlē/ānt/ mōllītēr/ ĩrē pē/dēs? (PROPERTIVS, II,12)

O primeiro dístico nos mostra o tema da elegia. Vemos o amor em sua concretude antropomórfica. Destacam-se três vocábulos: *Amorem, puerum, pinxit*. O eu-lírico observa um quadro no qual se encontra pintado o deus Cupido. Também conhecido entre os latinos como Amor, identifica-se com o Eros grego. Sua principal característica física é apontada ainda no primeiro verso, ele é um menino, e complementada no terceiro dístico por *alas uentosas*. É uma criança que possui asas ligeiras. Além de simbolizar uma juventude eterna, a figura pueril transporta as mesmas características psíquicas das crianças para aqueles que são acometidos pela paixão amorosa: *sine sunsu*. Um ser apaixonado perde a faculdade do raciocínio, a *ratio*, principal característica do adulto romano. Os que são acometidos pela paixão deixam de dar valor ao que importa como um herói que se enreda num destino trágico acometido pela *até*, cegueira da razão, e perde a capacidade de distinguir as coisas importantes das que não o são.

Sabemos que os romanos eram extramamente pragmáticos e utilitaristas consideravam os *negotia*, a vida dedicada ao Estado e à sociedade como valores indispensáveis a um *bonus civis*. A influência da filosofia epicurista, contudo, já havia dado ao poeta oportunidade de optar por uma vida de *otium* contemplativo ou produtivo e ter no amor um fundamento para se desvencilhar das preocupações políticas.

O destaque dado ao tamanho das asas através da forma verbal *addidit* (aumentou), demonstra o domínio do Amor sobre o amante, ocupando todos os espaços do seu ser, representado pelo coração (*corde*) e marcado pela agitação e inconstância através da metáfora do movimento das ondas do mar (*in unda alterna*). O amor conduz a alma ao revolto mar de sentimentos, às vezes, contraditório.

Ainda no campo da prefiguração pictórica, a figura antropomórfica do deus do amor é acrescida dos objetos que compõem suas características mitológicas: a aljava e as flechas (*pharetra Gnosia et sagittis hamatis*), que nunca erram o alvo. No poema, somos apresentados à clássica representação de Eros que encontramos descrita por Pierre Grimal em seu dicionário:

Pouco a pouco, sob a influência dos poetas, o deus Eros foi tomando a sua fisionomia tradicional. É representado sob a forma de uma criança, geralmente alada (embora também surja, por vezes, desprovido de asas), que se compraz em perturbar os corações. Inflama-os com a sua tocha ou fá-los sangrar com suas flechas. (GRIMAL: 1997, 148).

A partir do verso 7, notamos o início da inclusão gradativa do poeta dentre as vítimas do amor através do emprego da primeira pessoa do plural no verbo *iactamur* e no pronome possessivo *nostra*, embora ainda encontramos uma ideia generalizadora de um ser pertencente a um determinado grupo. No verso 11, contudo, observamos um aumento do processo de gradação e particularização da figura física do amor para o sentimento amoroso que engloba também o poeta pelo uso da forma verbal *cernimus*. Ela nos indica que o eu-lírico também não foi capaz de escapar da flecha, sequer conseguiu distingui-la. Ele não só integra-se à condição de vítima do amor, como homens e deuses, mas começa a individualização do sentimento. Ninguém escapa, nem ele. Esta primeria parte mais generalizadora das consequências do amor, termina retomando a oposição entre razão e paixão, entre sanidade (*sanus*) e insanidade (*sine sensu*).

A segunda parte do poema, é marcada pela experiência pessoal do poeta com o sentimento amoroso (*in me tela manent*). Ele não só foi atingido pela flecha, mas permanece padecendo das suas consequências. Ele estabelece uma intrínseca relação entre o sensível, gravado em sua mente através da visão do quadro físico (*imago puerilis*), e o emocional que se prefigura pela amplitude do sentimento que o acomete, marcado pela flecha, e o aprisiona, indenticado pela perda das asas, metonimicamente associada àquilo que a compõe (*perdidit suas pennas*), e reforçado pelo advébio de afirmação *certe*. No poema, vemos as duas representações identificadas por Grimal, o deus com e sem asas.

Para o eu-lírico esta presença não parece muito agradável. Na primeira parte do poema, vemos a comparação entre o sentimento amoroso e as ondas de um mar revolto. Nesta segunda parte, a experiência do poeta está relacionada ao campo semântico da guerra, bastante usado pelos poetas elegíacos, especialmente Propércio. Amor e guerra andam juntos, como Marte e Vênus, os pais do próprio Cupido. Percebemos isto nas expressões *manus est armata* (a mão está armada) no verso 9 na primeira parte, como representação de Cupido, e de forma intensificada em *gerit bella* (trava batalhas) que representa a vivência do eu-lírico, fechando o oitavo dístico.

No verso 18, a particularização do sentimento do eu-lírico se totaliza chegando à amada através do vocativo *puella*. Sabemos que na tradição elegíaca, o substantivo menina é utilizado para se referir à amada. Ele não menciona o nome de Cíntia, mas, como vimos, ela era a destinatária principal dos poemas amorosos de Propércio. E um novo dado se apresenta: ela não parece compartilhar do mesmo amor que o poeta. O *puer*, Cupido, não se encontra no *animo* (espírito, alma) da *puella*. Ele envenena (*ueneno*) os puros (*intactos*) como o eu-lírico no mais íntimo de seu ser: a *umbra*, a sombra. Não é o corpo físico (*non ego*) que sofre as consequências do veneno imbuído na flecha do Amor, mas o que há de mais profundo no poeta, sua alma.

Os dois últimos dísticos demonstram que a amada aparentemente não se encontrava em sintonia amorosa com o poeta, como observamos em *perdideris* (tiveres perdido). E talvez por isso, o poeta recorra, através do uso de interrogações retóricas, a um lugar comum do estilo elegíaco, tentando mostrar para a amada a importância do seu canto, representado pela *mea laus Musa* (minha agradável musa), como forma de imortalização de suas qualidades.

Encontramos, portanto, no poema 12 do segundo livro de Propércio, características fundamentais da produção elegíaca romana no período de Augusto. Tendo

como temática central o amor como figuração mitológica e como sentimento devastador que consome a corpo e alma de todos os que se tornam alvo das certeiras flechas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Literatura latina*. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1985.
- BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Trad. Gregorio Halperín. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 1952.
- FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto editora, 1996.
- GRIMAL, Pierre. L'élegie de Gallus à Ovide. In: *Le lyrisme à Rome*. Paris: PUF, 1978.
- . *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1997.
- . *La littérature latine*. Paris, Fayard, 1994.
- GUILLEMIN, A. L'élément humain dans l'élegie latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1940.
- . Sur les origines de l'élegie latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1939.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Kahar Editor Ltda., 1987. 552 p.
- KENEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. *História dela literatura clásica*. v. II. Literatura latina. Madrid: Editorial Gredos, /s.d./.
- LEWIS and SHORT. *A latin dictionari*. Oxford. 1993.
- LUCK, George. Love elegy. In: *History of Classical Literature*. Latin Literature. Cambridge: Cambridge University, 1982.
- MARTIN, René & GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris, Éditions Nathan, 1990.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa, S. J. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. 1035 p.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. II volume - cultura romana. 2ª. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- PROPERCE. *Élegies*. Paris: Les Belles Lettres, 1929.
- ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. 305 p.

SILVA, Maria Evangelista dos Santos. A elegia em Roma. In: *Calíope*. Rio de Janeiro: 1988.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, /s.d./. 270 p.